Do caos à miséria: os debates dos candidatos à presidência do Brasil em 1989 e 1994

From chaos to the misery: the debates of presidential candidates in Brazil in 1989 and 1994

Edgar de Sousa Rego
Mestrando, PPGH-UDESC
edgar.rego@gmail.com

Resumo: O presente trabalho aborda de maneira comparativa os debates ocorridos nas eleições de 1989 e 1994. Em 1989, após quase três décadas sem eleições para a presidência da república, observa-se que há um despreparo geral dos políticos e equipes de televisão na produção de programas para a televisão. Em 1994 ocorre exatamente o oposto, a consolidação de uma produção mais voltada para o marketing político acaba por eliminar a possibilidade de um debate de ideias e as campanhas ganham em qualidade estética.
Palavras-chave: Debates; Eleições Presidenciais; Televisão.

Abstract: The present paper comparative way the debates in the elections of 1989 and 1994. In 1989, after almost three decades without an election for the presidency, it is observed that there is a general unpreparedness of politicians and television crews in the production of television programs. In 1994 the opposite is true, the consolidation of a more production-oriented marketing policy has proved toeliminate the possibility of a debate of ideas and campaigns gain in aesthetic quality.
Key words: Debates; Presidential Elections; Television.

O debate político tem um caráter fim diferenciado da propaganda política. Enquanto a propaganda é direcionada a um público geral, onde a edição e a preparação do programa publicitário veiculado pelo horário eleitoral gratuito caracterizam um direcionamento a formatar uma mensagem única ao eleitorado, construindo a imagem do candidato perante a opinião pública.

Diferentemente no debate a abordagem da campanha é outra. Muito mais direcionada a militância o debate mostra o candidato sem edições para um confronto amplo de ideias. O debate televisivo se aproxima mais da proposta de tornar o meio, como espaço de esclarecimento das ideias políticas dos candidatos. Uma lembrança de arena de discussões políticas, espaço inexistente na política contemporânea, onde ocorre um abismo entre a

realidade social e as representações políticas. O debate, assim como o comício acabam sendo o lugar de encontro do candidato com os eleitores indecisos.

Em 1989 ocorreram diversos debates. A novidade política acabou trazendo prestígio para as redes de televisão que acreditavam estar fazendo a sua parte para a redemocratização do país. Escolhi então dois debates a serem analisados em 1989. O primeiro realizado pela Rede Bandeirantes de televisão com o título de "1º Encontro dos presidenciáveis", onde ainda se observa a falta de traquejo dos políticos para com o novo meio de comunicação, e da própria falta de preparo das assessorias e dos profissionais de comunicação em estabelecer regras simples que favorecessem o debate. O outro programa a ser analisado é o último debate do segundo turno, onde pela primeira vez a maior rede de televisão transmitiu um debate político. Na realidade foi um conjunto de emissoras que transmitiram e produziram este debate. Juntas a Rede Bandeirantes, a Rede Manchete, o SBT e a Rede Globo produziram um programa a menos de uma semana do pleito do segundo turno. O debate que reuniu os candidatos Lula e Collor já demonstrou um preparo maior dos candidatos. Mesmo que na maior parte do programa os candidatos não se confrontassem, devido ao formato do programa, o debate é recheado de acusações onde naquela altura da campanha era mais importante inviabilizar a candidatura oposta. Este último debate ainda possui um ingrediente a mais que foi a edição do mesmo, veiculado pelo Jornal Nacional da Rede Globo, telejornal de maior audiência do país, onde a direção de jornalismo decidiu nomear um vencedor do debate, manipulando assim a interpretação do telespectador.

A abordagem realizada aos debates de 1994 foi de um programa simbólico que reuniu todos os principais candidatos a presidência da república em 1994. Sete dos oito candidatos estavam presentes no debate realizado em meados do mês de agosto pela Rede Bandeirantes de televisão. Os debates televisivos em 1994 ficavam muitas vezes inviabilizados, pois a legislação eleitoral, mais uma vez modificada, exigia a presença de todos os candidatos no programa. Sendo assim algumas emissoras abriram mão de realizar o debate e investiram em novos formatos de divulgação dos candidatos. As outras redes preferiram investir na cobertura jornalística das campanhas eleitorais. Porém a possível imparcialidade dos jornais poderia ser questionada a partir da cobertura dos principais candidatos, não dando espaço igualitário a todos.

O debate da rede bandeirantes mostra claramente a polarização provocada em 1994 entre Lula e FHC (Fernando Henrique Cardoso). Essa polarização dada pelo lançamento do

"Plano Real" se evidencia pela participação mais efetiva dos dois candidatos. Mesmo assim o debate acabou por evidenciar a disputa mas apresentar novas forças políticas, como por exemplo o candidato Enéas Carneiro que mesmo não participando efetivamente do debate consegue ser o terceiro colocado no pleito.

Os debates de 1994 tiveram um caráter menos definitivo em relação ao voto, do que em 1989. A postura do candidato e a forma de colocá-las foram bastante planejadas pelos responsáveis pelo marketing dos candidatos. Por essa razão pouco se observa nos debates a troca de acusações e discursos mais radicalizados, pois não era isso que o eleitorado queria, pelo contrário as pesquisas mostravam cada vez mais que o eleitorado queria era a continuidade, muito mais do Plano Real do que do governo. Por isso que a frase marcante das eleições de 1994 seja a do Ministro da Fazenda Rubens Ricupero, que sucedeu Fernando Henrique Cardoso, no escândalo da parabólica. Antes de uma entrevista que seria cedida a rede globo, o sinal da câmera aberta vazou para as parabólicas e flagraram o ministro cunhando a seguinte frase: "No fundo é isso mesmo. Eu não tenho escrúpulos! Eu acho que é isso mesmo, o que é bom a gente fatura, o que é ruim a gente esconde!" [1]

Os debates de 1989 – do caos à manipulação

O primeiro debate a ser televisionado em relação a campanha presidencial de 1989 foi o da rede de televisão Bandeirantes em julho daquele ano, ou seja, faltavam ainda quatro meses para o primeiro turno da eleição. Foram convidados onze dos vinte candidatos ao pleito. Dois estiveram ausentes deste primeiro encontro televisionado entre os presidenciáveis, Fernando Collor de Melo que era o então líder nas pesquisas de intenção de voto e Ulysses Guimarães, candidato do maior partido do Brasil, o PMDB. Como todo debate televisivo as regras forma acertadas anteriormente com as assessorias de cada candidato chegando a um consenso sobre o formato do programa. Os candidatos denominados de nanicos também tiveram a oportunidade de debater as suas ideias num programa a parte dos outros candidatos.

O formato do debate televisivo empregado em 1989 será copiado pelos debates que o seguiram em outras redes, e em outras eleições. Só haverá uma inovação no formato dos debates do segundo turno das eleições de 2002 para presidente, onde tentou-se importar um

[1] Disponível em <http://youtu.be/NEBy8-T8-5k> (acessado em 22/09/2011)

modelo americano[2] de debate, onde os candidatos circulam numa arena cercado de eleitores. As perguntas feitas pela plateia, previamente escolhida, dá a sensação de que o eleitor está saciando suas dúvidas diretamente com o candidato. Porém essa sensação é ilusória, já que ocorreu previamente uma seleção das perguntas, não podendo assim ser uma participação espontânea do eleitor/questionador.

Em 1989, o formato escolhido pelas assessorias junto a direção de jornalismo da rede bandeirantes privilegiava o espaço do debate na grade de programação, em detrimento de um aproveitamento melhor do tempo e das questões de média de audiência e apelo comercial do programa. Digo isso, pois o programa teve uma duração total de três horas e trinta minutos, o que o acaba tornando inviável comercialmente, sem contar que o programa iniciou na segunda-feira em torno das 22:00h e terminou na madrugada de terça-feira para além da 01:00h da manhã. Logo pode-se entender que a audiência foi baixa, pois as pessoas precisavam trabalhar e estudar no dia seguinte.

O programa mediado pela jornalista Marília Gabriela inicia com uma rápida apresentação da biografia dos candidatos narrada com uma voz em *off,* e a câmera focando o candidato.[3] Após a apresentação dos candidatos foi proposta pela direção do programa uma pergunta a ser respondida por todos os candidatos: "Se eleito qual seria a primeira medida ao tomar posse como presidente da República?"

O segundo bloco inicia com a dinâmica de candidato pergunta para candidato. Observo neste momento do debate que os candidatos fazem questão de manter um clima leve e descontraído. O grande obstáculo da mediadora é de controlar o tempo dos candidatos. É muito difícil sintetizar ideias muitas vezes complexas em alguns minutos. Por isso que neste primeiro debate televisionado em 1989 se observa ainda a falta de aptidão dos candidatos para o veículo televisivo. O melhor representante desta inaptidão é o candidato Leonel Brizola que na sua fala pausada e arrastada sempre foi interrompido pela mediadora avisando que seu tempo havia terminado. Brizola ainda tem a sua performance muito ligada ao rádio, onde a fala pausada e arrastada é necessária para a compreensão clara do discurso por parte do ouvinte. Na televisão o tempo é mais célere, assim a maioria dos candidatos não souberam aproveitar esse espaço. Neste debate quem melhor sintetizou as ideias e fazia uma

[2] Esse modelo americano está em vigor desde os anos 1960 com a disputa Kennedy x Nixon, onde se consagrou como modelo de debate político-eleitoral.
[3] Estavam presentes no debate os candidatos Mario Covas (PSDB), Leonel Brizola (PDT), Paulo Maluf (PDS), Afonso Camargo (PTB), Aureliano Chaves (PFL), Luis Inácio Lula da Silva (PT), Ronaldo Caiado (PSD), Guilherme Afif Domingos (PL), Roberto Freire (PCB)

performance com gestos faciais e corporais é o candidato Guilherme Afif Domingos, ele ao se dirigir para a câmera de televisão gesticulava de forma a dialogar com o telespectador.

O despreparo dos candidatos também é observado para além dos tempos da fala. Há uma confusão muito grande das regras e em alguns momentos os candidatos parecem querer estar numa roda de amigos, onde apontamentos e indagações podem ser feitas a qualquer momento. É quando surge o caos. Defendo aqui a opinião de que este primeiro momento da campanha eleitoral, principalmente se observado este primeiro debate, de que ainda há uma desinformação muito grande sobre as regras da campanha eleitoral. Essa desinformação chega a certo ponto que a uma semana do primeiro turno tenta-se modificar uma das candidaturas

No terceiro segmento do programa chega o momento em que os jornalistas da rede bandeirantes indagam os candidatos com o acréscimo de um comentário, de outro candidato, após a resposta. É nesse momento que se observa o despreparo dos candidatos para com a campanha. Há uma dificuldade de compreensão das regras por parte dos candidatos. Em vários momentos os candidatos questionam a mediadora sobre dúvidas acerca das regras do debate. Essas dúvidas logo levam a certa anarquia dos candidatos, o terceiro bloco do programa termina com a mediadora tendo que chamar os comerciais as pressas, pois os candidatos acharam a brecha de pedir o aparte na fala do outro, daí se instalou o caos, pois todos queriam falar sobre um assunto muito caro ao eleitorado que era o salário mínimo.
Além do salário mínimo, os temas abordados com mais ênfase durante todo o debate foram: a dívida externa, reforma agrária, inflação e distribuição de renda. Todos esses temas caros ao eleitorado e estavam na pauta da política em 1989.

Na quarta parte do programa jornalistas das principais empresas de comunicação do país eram sorteados para perguntarem para candidatos também sorteados. Nesse momento observa-se que a agenda de discussões realmente giram em torno dos temas citados anteriormente, mas um se destaca que é o fenômeno Collor. A pergunta dirigida ao candidato Afif Domingos pelo jornalista da *Revista Isto É* foi respondida pelo candidato do PL de maneira a destacar que 70% dos entrevistados não tinham decidido em quem votar, dos 30% que declararam seu voto Collor aparecia com quase 50% das intenções de voto.

Os temas abordados neste primeiro debate podem ser divididos em três conjuntos. O primeiro voltado a economia do país onde se discute bastante sobre o combate à inflação, a dívida estatal interna e externa e a questão salarial. Um segundo tema bastante abordado foi a política do país onde se analisou a conjuntura política atual e a própria campanha eleitoral. E

o último grupo de perguntas giraram em torno do papel do estado.

No caso da economia percebem-se polarizações dos candidatos em razão de alguns temas. Nenhum dos candidatos em uma proposta clara de como reduzir a inflação. O único que deixou claro a proposta foi o candidato Paulo Maluf (PDS), que recém-chegado da Bolívia, onde o país havia obtido sucesso através de medidas a redução de sua inflação. A proposta de Maluf é de uma administração austera, de redução do déficit do fisco (combate a sonegação), déficit da previdência (combate aos funcionários fantasmas e a corrupção) e o déficit das empresas estatais (redução do tamanho do estado).

Sobre o tratamento da dívida externa e interna houve um consenso entre quase todos os candidatos acerca da renegociação de ambas. O diferencial vem dos candidatos Lula e Roberto Freire que defendem uma proposta mais radical de suspensão do pagamento da dívida até uma real avaliação do que já foi pago e o que ainda se deve pagar.

Outra discussão que polariza a esquerda e a direita foi em relação ao salário mínimo. Enquanto os candidatos como Affonso Camargo defendem primeiramente o crescimento da economia para depois haver a distribuição de renda. Os candidatos de esquerda, como Brizola e Lula, denunciam o engodo do "conto do bolo", onde no Brasil o crescimento já havia ocorrido e a divisão de renda não foi proporcional, pelo contrário o poder aquisitivo do salário mínimo acabou sendo reduzido. A questão salarial se mostrou um tema bastante importante gerando inclusive uma confusão no debate pois todos os candidatos queriam fazer uma fala sobre o assunto.

O tema da conjuntura política nacional foi abordado a partir do fenômeno Collor e sua possível vitória ainda no primeiro turno. O conjunto de candidatos tem a mesma posição de dizer que não está nada decidido e que a campanha ainda estava apenas começando. Foi discutido ainda a possível dificuldade do novo presidente eleito de governar devido ao sistema implementado na nova constituição de 1989. Os candidatos num compito geral pregam um governo de coalizão contra a crise. Não muito difícil para a maioria dos candidatos que tem a sua origem no MDB, ou seja, a sua maioria tendo a mesma origem facilita a aliança, quem acaba levando desvantagem são os candidatos da esquerda: Brizola (PDT), Lula (PT) e Roberto Freire (PCB) que possuem uma origem político-ideológica diferenciada dificultando assim as alianças possíveis. Porém isso não se figura como realidade no segundo turno, já que o candidato Lula consegue um apoio bem amplo para o segundo turno.

Mas o tema que diferencia, até os debates mais recentes, a proposta da esquerda e da direita para o estado brasileiro é da sua função. Os candidatos, no geral, defendem uma participação do estado em setores básicos como saúde, educação, segurança. Porém nenhum dos candidatos deixa claro qual o limite do estado. Há um paradoxo de querer reduzir o estado, no caso de gastos e ao mesmo tempo ampliar a interferência do mesmo na vida da sociedade, visões a meu ver contraditórias. Evidencia-se também que candidatos como Mário Covas (PSDB) defende um estado forte com maior participação em setores da economia e de serviços, bastante diferente do que virá a defender em 1994 com a candidatura de Fernando Henrique Cardoso, onde a defesa se dará da iniciativa privada gerir alguns serviços públicos. Esse debate sempre esteve presente após 1989, principalmente com o tema das privatizações.

A ausência do candidato do PRN no primeiro debate realizado pela televisão se tornou de certa forma uma presença incômoda. Nenhum dos candidatos ainda tinha assimilado essa disparada nas pesquisas de intenção de voto. Portanto esse tema esteve em pauta durante todo o debate, da mesma forma quando praticamente todos os candidatos faziam questão de sublinhar que a ausência do candidato mostrava a sua falta de compromisso com a democracia. Essa disputa de poder sobre a memória, com o objetivo de colocar no outro a pecha de colaborador ou simpatizante do regime autoritário, findado havia pouco tempo, é bastante constante durante toda a campanha e se tornou estratégia quase que obrigatória nas eleições que se sucederam.

O debate de 1989 também destaca claramente a diferença geracional dos candidatos. Enquanto os candidatos queriam referenciar novas tradições, ou até mesmo origem de seus posicionamentos políticos, os candidatos mais antigos queriam reelaborar a sua biografia política. O caso mais flagrante em 1989 de invenção de uma nova tradição política, ou de uma reelaboração da memória foi a rotulação de Fernando Collor de Mello como “Caçador de Marajás”. Collor soube utilizar muito bem as pesquisas feitas pelo Vox Populi que apontavam que o eleitor brasileiro buscava em um novo presidente a juventude e a honestidade. Destaco aqui a má fama do governo Sarney que além de deixar o país em uma estagnação econômica e super-inflação ainda era acusado de abrigar funcionários fantasmas, os marajás. Então o candidato do PRN, ainda como governador do estado de Alagoas, tornou-se famoso em todo o pais por ter tomado medidas no sentido de acabar com esses cargos fantasmas em sua administração. A ausência de Collor aos debates do primeiro turno possibilita algumas leituras. As audiências desses debates como eram muito baixas, não significava grande risco a

sua liderança nas pesquisas, e a cada debate que passava sua permanência como o preferido do eleitor não mudava, o candidato não se arriscaria a ser o alvo dos seus opositores num confronto direto. Ou o candidato acreditava que grande parte do seu eleitorado não estava apto a compreender as ideias e aos discursos veiculados no debate.

Essa operação simbólica não é simples como parece. Essas ações não são feitas individualmente, mas fazem parte de um conjunto de ações que tentam aprimorar a imagem do candidato perante o eleitorado. Pelo que tenho observado a campanha eleitoral de 1989 ainda não há uma institucionalização do marketing político. Por ser a primeira eleição direta para presidente e a primeira a utilizar a televisão como espaço para o debate político, as assessorias dos candidatos ainda se constituíam de forma a atender interesses do próprio partido. Bastante diferente das eleições subsequentes, onde as equipes de coordenação das campanhas visarão o poder, com isso ocorre a institucionalização do marketing político perante a comunicação do candidato com o seu público.

Segundo Turno

O resultado das urnas após o primeiro turno polarizou a campanha em torno de dois candidatos, Fernando Collor de Mello (PRN) e Luiz Inácio Lula da Silva (PT), representando respectivamente a direita e a esquerda política. Por essa razão a campanha eleitoral do segundo turno se acirrou. Essa polarização foi bastante visível na troca de denúncias e ofensas realizadas pelos candidatos em seu horário gratuito de propaganda política. Toda essa polarização culminou no último debate antes do segundo turno realizado no dia 14 de dezembro de 1989, três dias antes da eleição.

Durante a campanha do segundo turno os candidatos buscavam conquistar o eleitorado do centro, pois os resultados mostravam que no primeiro turno o eleitorado que preferia um candidato mais conservador votou em Collor, enquanto aqueles que pensavam em mudanças dividiram seus votos entre Lula e Brizola. Visando a conquista dessa nova parcela os candidatos realinham novamente a sua imagem.

A candidatura Lula tomou o sentido inverso de seu adversário, ao invés de atacar a figura do candidato do PRN, a estratégia foi aprimorar a sua própria, segundo Paulo de Tarso[4],

[4] Publicitário responsável pela propaganda eleitoral da candidatura de Luiz Inácio Lula da Silva.

houve uma guinada na campanha no segundo turno. A equipe de assessores pensaram em adequar o discurso de esquerda raivosa as necessidades do eleitorado do centro. Para isso foi feito não só uma mudança no discurso, mas também no próprio comportamento e visual do candidato. Lula tinha que sorrir mais, e se vestir de terno e gravata. Porém não foi isso que se viu no debate.

Foto do último debate presidencial - 14/12/2011

O último debate do segundo turno tomou ares de final de decisão de campeonato de futebol, os candidatos chegavam aquele momento empatados tecnicamente nas pesquisas de intenção de voto e toda a opinião pública acreditava que aquele último debate seria decisivo para a campanha. O programa foi transmitido por quatro emissoras simultaneamente, em um acordo histórico. Todas as redes que e tinham organizado debates (SBT, Manchete e Bandeirantes), acrescida da rede Globo que ainda não tinha organizado debate algum. O formato escolhido para este último debate foi bastante conservador. Os dois candidatos colocados atrás de púlpitos respondendo a perguntas elaboradas pelos jornalistas das redes de televisão que compunham o pool de emissoras.

O programa foi dividido em quatro blocos temáticos, muito pouco respeitado pelos jornalistas convidados. O primeiro bloco foi mediado pelo jornalista Boris Casoy do SBT. Percebe-se que o debate é bastante agressivo desde o início. A cada resposta dos candidatos ocorria uma acusação. Esse bate e rebate de acusações prejudicou o debate de ideias. A agenda da campanha ou da eleição passou da discussão de temas, ou até mesmo propositiva, para uma discussão sobre pessoa. Ou seja, era o debate girou em torno das convicções ideológicas de cada um, mas muito mais sobre o caráter pessoal dos candidatos. O segundo bloco apresentado pela jornalista Marília Gabriela, da Rede Bandeirantes, o tema escolhido

pela assessoria foi a questão social. Porém muito pouco se discutiu sobre políticas sociais, o tema central para além das acusações foi o da inflação, tema caro ao eleitorado de 1989. O terceiro bloco apresentado pelo jornalista Eliakim Araújo, da Rede Manchete, teve como tema justiça e cidadania. Devido a repetição do formato do programa, de perguntas de jornalistas e resposta de candidatos, o terceiro bloco se torna cansativo e devido as acusações de ambas as partes se torna também improdutivo. O debate é revigorado no quarto bloco apresentado pelo jornalista da Rede Globo, Alexandre Garcia. Neste bloco os candidatos fazem perguntas entre si. Mas o que se mostrava como uma nova oportunidade de renovar e atrair o interesse dos telespectadores com uma discussão programática, os candidatos decidem enveredar pelo caminho da troca de acusações, empobrecendo assim o debate.

Comparando o primeiro debate ocorrido em julho e o último ocorrido em dezembro, em apenas seis meses, a abordagem dos candidatos acerca da sua participação nesses programas muda radicalmente. Enquanto que no primeiro programa observamos um debate muito mais propositivo, neste último o que se destacou foram as acusações e o tom ácido do debate. Auxiliando muito pouco para o esclarecimento do público.

Este último debate ficou famoso mesmo pela provável manipulação produzida pela Rede Globo de televisão. No dia seguinte ao debate no Jornal Nacional, telejornal de maior audiência do país, veicula uma edição do debate favorável ao candidato Fernando Collor de Mello, apontando o candidato do PRN como vencedor do debate. Esse apontamento não foi feito de forma direta. Após a exibição de uma edição tendenciosa do debate, o jornalismo colocou uma suposta pesquisa do Vox Populi questionando o eleitorado com perguntas como: O que acharam do debate? Quem teve o melhor desempenho? Quem tem as ideias mais claras? Quem é o mais preparado para governar? Quem tem os melhores planos de governo?Quem atacou mais o adversário? Em todos os índices percentuais da pesquisa Collor aparece como vencedor do debate e o mais preparado. Essa edição foi apontada por muitos como a grande responsável pelo diferencial de três milhões de votos que deram a vitória a Collor em 1989.

O interessante é pensar que esta é uma memória em disputa. Os militantes e simpatizantes da candidatura PT em 1989 acreditam plenamente que a derrota se deu pela manipulação midiática do debate. “A Globo tirou a eleição dele.” referencia Pedro Simon sobre o episódio no documentário “Arquitetos do Poder” [5].

[5] Arquitetos do Poder. Direção:Vicente Ferraz e Alessandra Aldé. 2010, 100min. Brasil.

A própria Globo entra na disputa pela memória através da produção de um portal na internet chamado "Memória Globo".[6] Numa seção do site denominada polêmica, encontra a versão da emissora para o fato. De acordo com a Globo houve uma edição do debate muito contestada por dar leituras iguais a participações diferentes, por isso foi realizada uma nova edição destacando a performance do candidato do PRN. Porém essa visão já está sendo revisada pela própria Globo. Carlos Henrique Schroeder em depoimento ao documentário "Arquitetos do poder" acredita que a Globo errou em querer apresentar um julgamento de uma questão subjetiva. Schroeder defende que a avaliação de quem venceu o debate deve ser feito pelo eleitor.

A miséria de ideias – os debates de 1994

Diferente da campanha eleitoral de 1989 apenas duas redes de televisão, Manchete e Bandeirantes, decidiram investir no modelo de debate, onde se reuniam todos os candidatos a presidência da república daquele ano. A legislação eleitoral exigia que todos os candidatos obtivessem o convite para participarem dos debates. A eleição de 1994 tinha apenas oito candidato, uma quantidade bem inferior aos vinte e dois de 1989.

Em razão da polêmica posta ao último debate de 1989, a rede globo decidiu modificar a sua abordagem sobre a cobertura da campanha eleitoral e substituiu o debate político por uma inserção diária no jornal nacional do dia a dia dos candidatos. No sítio da Memória Globo o diretor de jornalismo a época Alberico Souza Cruz deu a devida justificativa:

> Se fizermos um debate reunindo nove candidatos vai ficar uma loucura total, ou seja, o telespectador não conseguirá descobrir nada. Pensamos, então, em produzir dois debates. Só que a Justiça Eleitoral não permite que a gente escolha quais serão os candidatos de cada dia. Ela exige que isso aconteça através de sorteio ou de um acordo entre os partidos. E aí fica difícil, pois não saberemos se vai dar para confrontar os principais concorrentes. (O Globo, 13/06/1994)

Essa justificativa da Rede Globo para não produzir um debate onde os candidatos se confrontassem não se mostrou impeditivo para a Rede Manchete e a Rede Bandeirantes produzirem os seus debates. A Rede Manchete como forma de reduzir os custos da produção

[6] Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com>. Acessado em 05/09/2011.

do programa, aproveitou a organização de dois debates, um realizado no dia 25/07/1994 na Associação Comercial do Rio de Janeiro e outro no dia 24/08/1994 na Associação Brasileira de Imprensa, ambos no Rio de Janeiro em transmissão ao vivo. As regras do debate eram bem simples, candidato pergunta para candidato e jornalista pergunta para candidato.

A Rede Bandeirantes também transmitiu um desses debates direto da Conferencia Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), porém nenhum desses debates conseguiu reunir todos os principais candidatos a presidência.

O único debate transmitido pela televisão que conseguiu reunir todos os candidatos ao pleito de 1994 foi o programa Eleição Geral, um debate produzido em estúdio e transmitido pela bandeirantes em agosto de 1994. As regras do debate também se mostrou bastante simples, mas com a variação dos formatos nos blocos acabou dando dinamicidade ao debate.

O debate mediado pela jornalista Marília Gabriela, a mesma mediadora dos debates de 1989, tem em seu primeiro bloco uma apresentação bem sucinta dos candidatos, apenas o nome e coligação partidária. E como de costume uma pergunta única para todos os candidatos: "Se lhe fosse dado o direito de apenas um ato no primeiro mês de governo, que ato seria este?" O candidato FHC (PSDB/PFL/PTB) se debruçou na continuidade do governo e propôs uma Reforma Tributária e Administrativa. O candidato do PPR, Esperidião Amim sugeriu um Plano Nacional de Educação e um pacto federativo. Lula candidato pela coligação Frente Brasil Popular pela Cidadania (PT/PSB/PCdoB//PPS/PSTU/PV) propõe uma Política de Segurança Alimentar, o combate a fome. Quércia (PMDB) se posiciona favorável a descentralização do governo federal. Brizola faz duras críticas ao Plano Real e denuncia a ampliação da diferença social, sendo assim sugere um Plano emergência nos primeiros cem dias de governo. O Almirante Fortuna (PSC) defende a derrubada do Muro de Berlim ideológica, que na opinião dele, permeia o atual governo e os outros candidatos. E finalizando o candidato do PRONA, Enéas Carneiro, indicou uma proposta de intervenção no sistema tributário, transferindo o maior ônus aos especuladores e incentivando a produção.

O diferencial deste programa é que ele alternou os blocos onde os jornalistas perguntavam aos candidatos, com os blocos de confronto, onde candidato responde a candidato. No bloco onde ocorreram as perguntas dos jornalistas o programa trouxe uma novidade, os candidatos podiam fazer um comentário à resposta do candidato adversário. Se mais de um quisesse comentar, o candidato que respondeu escolheria quem iria comentar. Este inovação na regra acabou também por dar mais agilidade no confronto de ideias.

Os temas abordados neste debate de 1994, diferencia muito do primeiro encontro dos presidenciáveis transmitido pela própria bandeirantes em 1989. Como não era interessante para o resto dos candidatos dar mais publicidade ao Plano Real, ele quase não aparece no debate. A principal questão econômica colocada no debate foi da criação do Fundo Social de Emergência que acabou contingenciando as verbas para a saúde, educação e outros serviços públicos. Essa denúncia e questionamento foram feitos principalmente pelos candidatos de esquerda Lula e Brizola. FHC se defende com uma explicação numérica pouco compreensiva para a grande parte das pessoas que possivelmente estariam assistindo ao debate.

Outra questão bastante abordada no debate foi a política de alianças. Brizola e Lula achavam que este seria o "calcanhar de Aquiles" da campanha de FHC, que tinha feito uma aliança com os setores mais conservadores da política brasileira, no caso o PFL e o PTB. Porém a agenda eleitoral não estava voltada para uma discussão político-ideológica e sim para o sucesso do Plano Real. FHC defende a aliança dizendo que no mundo e, mais especialmente no Brasil não há espaço para o neoliberalismo e compara a sua aliança com a realizada no Chile após o período autoritário, onde o Partido Socialista, de tendência esquerdista, se aliou ao Partido Democrata Cristão de perfil mais conservador. FHC ainda diz que os seus aliados não são de direita e sim de centro, e se for assim também é de se condenar a aliança do Partido dos Trabalhadores com o Partido Comunista do Brasil que queria implementar a ditadura do proletariado.

No debate de 1994 dois assuntos "novos" aparecem na pauta do debate: a violência crescente nas grandes cidades e a privatização das empresas estatais. O tema da violência aparece na pergunta de Antonio Telles (diretor de jornalismo da rede bandeirantes) ao candidato do PDT e ex-governador do Rio de Janeiro, Leonel Brizola, sobre a onda de crimes e o aumento do tráfico no estado onde o candidato foi governador. Brizola responde dizendo que a mídia sensacionalista apresenta um quadro de violência distante do que realmente acontecia no Rio de Janeiro. O candidato do PDT ainda se mostra favorável a utilização das Forças Armadas no seu papel constitucional de guardar as fronteiras coibindo o tráfico de armas e drogas, não nas ruas fazendo o papel de polícia.

O assunto das privatizações, que se tornou um tema constante nos debates presidenciais desde então, apareceu pela primeira vez neste debate. Com a possível privatização das empresas de telefonia e o setor elétrico, indicava a clara intenção do candidato FHC de dar continuidade ao governo Itamar e aprofundar as medidas do "Consenso

de Washington". Os candidatos de esquerda denunciam a sucateamento das empresas estatais e dos serviços públicos com a intenção de no futuro privatizá-las. Lula disse temer as privatizações que só iria atuar nos setores que dessem lucro, no caso da telefonia, a parcela da telefonia celular, mas ninguém queria levar a telefonia pro campo, devido aos altos custos e baixo rendimento.

O aparelhamento do estado e a revisão constitucional também forma temas abordados no debate. Esses temas estavam vinculados as críticas colocadas ao governo Itamar. A revisão constitucional não foi realizada, de acordo com Quércia e FHC, devido a falta de interesse de setores do PMDB e PFL de mudar a carta constitucional. Mostrando assim que o PMDB ainda estava, ou sempre esteve, fragmentado.

O formato do debate acabou não dando voz ao candidato Enéas Carneiro, que mais pareceu ser um espectador de luxo no debate. Os jornalistas não dirigiram nenhuma pergunta ao candidato do PRONA, assim como os próprios adversários não o questionaram e não deram a oportunidade do aparte nas respostas aos jornalistas. Mais precisamente Enéas teve três participações no debate, enquanto FHC, Lula e Brizola tiveram de sete a oito participações. Porém esse fato não desmobilizou a campanha de Enéas e ele conseguiu um fato inédito. Pela primeira vez um candidato denominado de "nanico" conseguia chegar em terceiro lugar na corrida eleitoral, deixando para trás candidatos tradicionais como Brizola e Quércia.

Referências

ANSART, Pierre. Ideologias, conflitos e poder. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1978.

BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: ROMANO, Ruggiero (org.). Enciclopédia Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1985. v. 5.

BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembranças de velhos. 12. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BURKE, Peter. A fabricação do rei: a construção da imagem pública de Luis XIV. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1994.

CAPELATO, Maria Helena. Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo. Campinas: Papirus; São Paulo: FAPESP, 1998.

CARVALHO, José Murilo de. Construção da Ordem e o Teatro de Sombras. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ: Relume-Dumara, 1996.

_____. Forças Armadas e política no Brasil. 2. ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2006.

_____. A formação das almas: o imaginário da República no Brasil . São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DOMENACH, Jean Marie. A Propaganda Política. Edição digital. 1950 (acessado em http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/proppol.html 09/11/2010)

FIGUEIREDO, Ney Lima. Jogando para ganhar:marketing político : verdade e mito. São Paulo: Geração, 1994.

NÊUMANNE, José. Atrás do palanque: bastidores da eleição 1989. São Paulo: Siciliano, 1989.

MARTÍN-BARBERO, Jesús; REY, Germán. Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva. 2. ed. São Paulo: SENAC, 2004.

RÉMOND, René. Por uma história política. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2003.

SKIDMORE, Thomas E. Brasil:de Castelo a Tancredo 1964-1985.3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

Fontes Audiovisuais

Arquitetos do Poder. Direção:Vicente Ferraz e Alessandra Aldé. 2010, 100min. Brasil.

Doces Poderes. Direção: Lúcia Murat. 1996, 102 min. Brasil.

Decadência.(Minissérie) Direção: Roberto Farias e Ignácio Coqueiro. TV Globo, 1995. Brasil.

1º Encontro dos Presidenciáveis. Rede Bandeirantes. 17/07/1989.

Último debate do 2º turno de 1989. Pool de emissoras. 14/12/1989.

Eleição Geral – debate presidencial. Rede Bandeirantes. 08/1994. Disponível em <<www.ifhc.org.br>> (acessado em 22/09/2011).